

# Comércio global

» SACHA CALMON  
Advogado

Valho-me de Jason Douglas e Stella Yifan Xie (*Dow Jones News-wires*) a seguir. Apesar dos esforços dos Estados (EUA) e da Europa de reduzir a dependência das fábricas chinesas, a China consolidou sua posição de maior fornecedora global de bens manufaturados. Isso mostra a complexidade de “desconectar” o maior chão de fábrica do mundo. Isso porque as fábricas chinesas estendem seu alcance para produtos de ponta, como chips e smartphones, e novas tecnologias, como carros elétricos e energia verde.

Os EUA e alguns de seus aliados estão mais preocupados com sua dependência da China, considerando questões que vão da segurança nacional à fragilidade das cadeias de suprimentos globais. A China rejeita essas preocupações, mas tem seus próprios motivos para reduzir sua dependência excessiva dos mercados ocidentais. Pequim quer aumentar o consumo interno para impulsionar sua economia a novos patamares.

Por enquanto, o boom de exportações chinesas pode fornecer uma sustentação de curto prazo para o crescimento, diante da política de tolerância zero contra a covid-19 e os efeitos da crise no importante setor imobiliário. A participação da China nas exportações globais de bens em valor aumentou durante a pandemia, para 15% no fim de 2021, segundo a agência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad), que acompanha o comércio global, com dados e análises pontuais.

A participação dos principais concorrentes chineses nas exportações globais encolheu no mesmo período, sugerindo que os ganhos da China ocorreram às custas de outros. A participação da Alemanha caiu para 7,3% em 2021, de 7,8%, em 2019; e a do Japão encolheu de 3,7% para 3,4%; e a dos EUA diminuiu de 8,6% para 7,9%.

A rápida recuperação da China do choque inicial da covid-19 em 2020 deu a suas fábricas uma vantagem para atender à súbita alta demanda de bens do Ocidente: de equipamentos médicos de baixo custo — máscaras faciais e kits de teste — a bens de consumo, como periféricos de computador e equipamentos de ginástica, com os lockdowns levando muitos nos EUA e na Europa a trabalhar em casa.

O auxílio generoso de muitos governos de países avançados para ajudar os trabalhadores durante a pandemia turbinou ainda mais os gastos no Ocidente. As fábricas chinesas foram inundadas com pedidos e a participação da China nas exportações aumentou. Isso é indubitável! A fatia da China nas exportações globais de eletrônicos, por exemplo, aumentou para 42% em 2021,

de 38% em 2019, enquanto sua participação nas exportações de têxteis passou de 32% para 34%, segundo dados da Unctad. O boom de exportações da China continuou em 2022, desafiando as expectativas dos economistas de desaceleração, com a economia global enfrentando inflação crescente, taxas de juros em elevação e a guerra na Ucrânia.

Parte da explicação são os preços. A inflação elevou o custo dos bens de consumo, de modo que o valor em dólar das exportações chinesas aumentou. O valor das exportações chinesas em junho foi 22% superior ao do ano anterior, segundo a Administração Geral das Alfândegas da China.

Em termos de volume, o aumento foi de apenas 5,5%. Ainda assim, a demanda externa por produtos chineses se manteve melhor do que muitos economistas esperavam, principalmente dos EUA, da Europa e de vizinhos da China na Ásia. Mas esse aumento é colossal.

O déficit comercial dos EUA com a China nos primeiros seis meses de 2022 aumentou 21% ao ano, para US\$ 222 bilhões, segundo dados do Departamento do Comércio americano. Além disso, nos últimos anos, a China aumentou sua participação de mercado em produtos manufaturados sofisticados e de maior valor, como bens de capital, veículos, motores e máquinas pesadas. A China está consumindo a fatia de mercado de exportação

de países como a Alemanha, que tradicionalmente se destacou na fabricação e exportação de tais produtos, disse Rory Green, da Lombard.

Ajudadas por Pequim, as fábricas chinesas também estão conquistando nichos em setores mais novos que devem se tornar uma fatia maior do comércio global nos próximos anos, como placas fotovoltaicas e energia eólica.

Ao que tudo indica a recente viagem de Nancy Pelosi a Taiwan, só fez a China continental aumentar suas fábricas de materiais bélicos, e uma sensação de que belisca-los sem o motivo plausível em nada ajuda a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), apática em socorrer a Ucrânia em face da invasão preventiva da Rússia interessada em resguardar suas fronteiras ao sul (1100 km de linhas secas).

Seja lá como for há um declínio americano na região do Indo-Pacífico em pleno século 21. Noutra ocasião, eu me referi ao papel que o Brasil deve ter na região do Indo-pacífico. É que o Brasil é grande potência na área do agronegócio. Urge voltarmos ao tempo da diplomacia econômica em favor do crescimento do nosso país, deixando de lado, por sua inoperância, a “ideologização” da economia e a “politização das féis religiosas”. Negócios são negócios! Religar a diplomacia econômica é mais do que urgente. É vital!

# O sorriso de Gorbatchov

SÍLVIO RIBAS  
Jornalista, escritor, consultor em relações institucionais e assessor parlamentar no Senado Federal

Risco de um inverno nuclear não está de todo afastado. Mas a chance de esse derradeiro evento planetário ocorrer hoje é dezenas de vezes menor do que na primeira metade dos anos 1980. Ditaduras também persistem. Contudo, têm agora número bem menor que a média do século 20. Por fim, fome e subdesenvolvimento ainda castigam milhões, com a diferença de que há 30 anos essas mazelas não param de recuar, graças ao comércio globalizado, à acelerada inovação tecnológica e a uma maior conexão entre os povos.

Esse quadro que começou a ser pintado em 1985 é bem diferente daquele da Guerra Fria, no qual duas superpotências — União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e Estados Unidos — gastavam trilhões de dólares anuais para alargar o abismo a um passo da humanidade. Bastava o simples aquecimento dos silos de mísseis balísticos, o cruzamento de fronteiras por tropas estacionadas ou um single aperto de botão para o dia seguinte nascer cinza, radioativo e desalentador. As páginas dos jornais eram boletins diários do angustiante xadrez geopolítico.

Essa alucinada novela de temeroso epílogo saiu do ar de vez por mérito de um só homem: Mikhail Sergeievitch Gorbatchov, morto na noite da última terça-feira, aos 91 anos. A estatura moral e política desse estadista russo, o oitavo e último líder da União Soviética, até o desaparecimento do então mais extenso país, em 1991, é uma das maiores já notadas. Também foi gigante o seu sorriso, capaz de degelar relações internacionais, forjar improváveis acordos e nos fazer sonhar com alvissareiro futuro alternativo.

Com persistência e habilidade, Misha, Gorb, Gorb, entre tantas alcunhas carinhosas que mereceu, tornou-se o ator principal das cenas finais do milênio passado. Ele não encerrou a História, como sugeriram alguns, mas deu a ela outros caminhos. Suas palavras e gestos mudaram o curso de acontecimentos mundiais de forma profunda, definitiva e para melhor. Por isso, somos devedores da sua coragem para mudar realidades, tocar feridas e desmontar a engrenagem do relógio do fim do mundo.

Ninguém pode dizer ao certo o que seria das últimas três décadas do século passado caso Gorbatchov não tivesse emergido ao comando da URSS e ao palco global. Mas é fato que o apocalipse atômico estava à mercê de ruídos de comunicação em aparelhos de defesa e canais diplomáticos, de bugs em radares, desleixo de burocratas e arroubos de chefes de Estado. A era que surgiu após a sua passagem pelo poder trouxe, contudo, novas aflições, tais como pandemias, terrorismo religioso e aquecimento global.

Apesar dos desdobramentos imprevistos da nova ordem mundial, o fato a ser reconhecido por todos é que gozamos da oportunidade de decidir sem as amarras do contexto bipolar e da insana corrida armamentista. E isso só é possível graças a Gorbatchov. Por isso, quando analistas o classificam só como titubeante mandatário do império soviético, responsável pelo seu fim, e coveiro do comunismo patrocinado por Moscou, com o prosaico prêmio de consolação de ser amado pelo outrora inimigo Ocidente e rejeitado pelos compatriotas, comete-se enorme injustiça.

Gorbatchov iniciou complexas reformas para arejar a economia planificada (Perestroika) e colocou em marcha a distensão política doméstica (Glasnost), mas a revolução que deflagrou tomou rumos próprios, perdendo a coesão interna da URSS e, por fim, sendo tragado por ela. Mas o legado inquestionável da sua trajetória está aí com a reunião de famílias e nações separadas pelo Muro da Vergonha, o arrefecimento do medo constante e o cessar da máquina de extermínio que havia chegado literalmente ao espaço, com projetos de satélites armados.

Qual foi então o grande erro do líder nascido numa comunidade rural no Sul da Rússia? Quem sabe talvez esteja na própria boa vontade, que gerou esperança e entusiasmo, mas também conspiração de oligarcas e ressentidos com a fim da influência e a emergência de sucessores com outra visão. Andrei Gromiko, célebre chanceler que serviu a vários governos soviéticos, dizia que o sorriso simpático de Gorbatchov escondia dentes de aço. O diplomata tentava aí dizer que o urso até era fofo como a mascote das Olimpíadas de 1980, mas ainda era um temível urso.

Ocorre que o urso Mikhail Gorbatchov era um homem bom, carismático e absolutamente contrário a usar a força bruta dos czars para fazer valer suas nobres intenções. Sabia ser isso contraditório e acreditava no entendimento, na paz, na liberdade e no progresso não como concessões de poderosos a comandados, mas bens a serem compartilhados por todos. Obrigado, camarada.



# A democracia é o suficiente?

» JAIME PINSKY  
Historiador, professor titular da Unicamp, doutor e livre docente da USP

Depois que a Inglaterra se separou de seus vizinhos da Europa, por causa do resultado da votação democrática, órgãos de imprensa entrevistaram pessoas que votaram pela separação, tentando entender os motivos que as moveram. As respostas, frequentemente, não faziam sentido algum, pois não passavam de argumentos ilógicos, frases feitas e suposições sem base, repetindo mantras de políticos conservadores. Muitos eleitores confessaram, sem constrangimento, que não entendiam nada de economia, ou ciência política e que seu voto se dera por conta de promessas de vida melhor se a Inglaterra se afastasse de países gastadores como França e Itália, algo que esses votantes nunca se deram ao trabalho de analisar. Acreditaram também que, com a separação, haveria mais e melhores empregos, uma vez que imigrantes seriam barrados. Enfim, votaram em algo tão importante quanto o Brexit, baseados apenas em afirmações ocas, e não em fatores objetivos e análises racionais.

Isso significa que a democracia não funciona? Analisemos. De fato, quantas pessoas votam em partidos e candidatos que apresentam propostas concretas para melhorar o país? Melhor ainda, o que é melhorar o país? Sim, pode-se dizer que postulantes a certos cargos não deveriam ter determinadas características e deveriam ter outras. Mas não é verdade que, na prática, tendemos a minimizar os defeitos de alguns e hipertrofiarmos os defeitos de outros? Não é verdade que votamos fechando os olhos para os pecados daqueles que, antecipadamente, elegemos como sendo os melhores... pelo menos para nós mesmos?

Se é verdade que detentores do poder legítimos em causa própria, não é verdade também

que a maior parte dos eleitores escolhe com base no que espera, ou imagina, que será melhor para ela, para sua atividade, para seus familiares, para sua igreja, para seu grupo, sem se importar se será o melhor para o país? Será que todos os que criticam o aparelhamento da máquina estatal, se eleitos, vão preencher cargos baseados apenas no mérito das pessoas, e não no interesse de ocupar espaço político?

Não, não é apenas o miserável, aquele que aceita a humilhação de entrar em filas para receber 10 ou 20 reais por dia, não é apenas ele que vai votar por interesse próprio. Com poucas, pouquíssimas exceções, é assim que as pessoas votam em nosso sistema democrático, onde a maioria dos partidos não têm sequer ideologia conhecida, mas têm donos bem conhecidos. Se, apesar do que diz a Constituição, não somos tão iguais perante a lei (alguém ainda tem dúvida sobre isso?) todos são muito parecidos na hora do voto. Na maioria esmagadora dos casos, vota-se por interesse, não por patriotismo ou espírito democrático.

Alguns fingem que organizar abaixo-assinados os torna democratas perfeitos, outros acham que basta vomitar meia dúzia de frases nas redes sociais para se tornar grande democrata. Sinto dizer, mas optar por um número ou outro não é suficiente para promover as alterações que nossa sociedade tropical não conseguiu realizar nos seus primeiros cinco séculos de existência.

Estou pregando o rompimento de nossa jovem democracia? Não. Podem se acalmar os democratas radicais — eu mesmo sou um deles, desconfio até de síndicos de condomínio que lutam pela reeleição. Não estou detonando o sistema vigente, nem a Constituição e muito

menos resolvi me aliar a grupos favoráveis ao fim do nosso sistema político. Ao contrário de muitos arrivistas, tenho uma história de luta democrática que inclui a criação de uma revista de ciências sociais em plena ditadura militar. Quando Florestan, Martins e eu criamos *Debate Crítico*, não tínhamos medo que a democracia fosse abalada. Ela já não existia e a simples manifestação de ideias, naquela época, podia ser punida com a morte, como ilustra o caso de Vladimir Herzog, assassinado pela repressão, sem que os assassinos tivessem a coragem de reconhecer seu ato.

Mas, hoje, defender a democracia não é suficiente, a não ser que essa atitude seja apenas um ponto de partida para as transformações que o Brasil precisa fazer com urgência. Para pegar o bonde da história? Não, sinto muito, ele passou. Mas para, ao menos, não perder de vista o referido bonde, que está longe, levando outros países.

Todos sabemos que educação é uma das peças-chave, como tem sido em estados nacionais tão diferentes quanto o Japão e a antiga União Soviética, a Coreia e a China, a Finlândia e Israel. Enquanto nessas plagas foram criados projetos distintos, cada um deles adequado à realidade de cada país, por aqui cometemos erros crassos, por incompetência, má fé ou falta de um projeto de Estado.

Senhores candidatos, saibam que abordar pequenos problemas aqui e ali, com o objetivo de garantir apenas uma vitória na próxima eleição, é meta medíocre que não resolve problemas estruturais do país. Ver o país do jeito que está e se conformar com objetivos que não provocarão mudanças reais dá uma terrível sensação de fracasso. Sinto muito.